

## **OS PROFESSORES ESTÃO PREPARADOS PARA ENSINAR AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR? PANORAMA DA REALIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL I EM MARINGÁ-PR**

**Elizandro Ricardo Cássaro<sup>1, 2, x</sup>; Giuliano Gomes de Assis Pimentel<sup>1</sup>; João Fernando Christofolletti<sup>2</sup>; Vilmar Malacarne<sup>2</sup>** <sup>(1</sup> Grupo de Estudos do Lazer – GEL/Universidade Estadual de Maringá; <sup>2</sup> Programa de Pós-graduação em Educação UEM-UEL, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, 85819-110, Brasil; <sup>x</sup>Autor de correspondência: elizandrorc@hotmail.com)

### **RESUMO**

O currículo do estado do Paraná para o no Fundamental I prescreve Jogos de Aventura como conteúdo correlato às Práticas Corporais de Aventura (PCA). Todavia, qual é o conhecimento docente sobre esse tema? O objetivo do estudo é verificar a percepção de docentes de Educação Física escolar sobre PCA, urbanas ou na natureza. Para tanto, 36 professores preencheram um questionário, cujas as respostas foram categorizadas e quantificadas para serem discutidas e analisadas em relação ao ambiente dominante da prática. A partir dos resultados observamos que os professores já conhecem as modalidades terrestres de PCA e sua escolarização, sendo uma lacuna nessa comunidade jogos de aventura que tematizem os elementos água e ar.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar; PCA; Microaventuras

### **INTRODUÇÃO**

A disciplina Educação Física escolar é diversificada em movência, o que se amplia com a curricularização das Práticas Corporais de Aventura (PCA). De acordo com a BNCC (2018), tal conteúdo estruturante está associado às diversas sensações, comportamentos, atitudes atrelados o risco, o medo. Ademais, aventura é o próprio ambiente ou um uso inopinado que permite que se diferencie dos conteúdos mais tradicionais.

A partir dos estudos do espanhol Javier Oliveira Betrán (1995), alguns autores brasileiros, como Marinho (1999), Uvinha (2001), Pereira e Armbrust (2010) e Pimentel (2022), se propuseram em apontar, classificar, caracterizar essas práticas da cultura corporal de movimento na Educação Física, seja no âmbito do lazer ou no ambiente escolar. Porém encontramos algumas diferenças, seja elas por ambientes, modalidades que se divergem em uma classificação que seja razoavelmente consensual para todos. Como mencionado anteriormente, a partir dos debates para conceituar, classificar e nominar essas práticas, tais pesquisadores apontam algumas relações que convergem, principalmente quanto às questões de riscos e medo que as PCA se predispõem, assim como em relação ao ambiente ou local a ser praticado.

Esse estudo consiste dos dados coletados da dissertação sobre as “Atividades de Aventura nos anos iniciais do ensino fundamental: possibilidades e desafios a partir da BNCC” que traz à luz as Práticas Corporais de Aventura na rede municipal de ensino do município de Maringá, Estado do Paraná. Na dissertação os apontamos foram relacionados a partir das Atividades de Aventura, o que na BNCC (2018) se classifica e nomeia por Práticas Corporais de Aventura (PCA) nos quais são também desenvolvidos a partir da relação entre a cultura corporal de movimento e o ambiente. Nesse sentido, é importante ressaltar que essa proposta opta por diferenciar as PCA a partir do ambiente em que são realizadas, nas dicotomias urbano e natureza.

É nesse cenário que as PCA foram abordadas e apresentadas de acordo com os relatos dos professores de Educação Física escolar dos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de ensino do município de Maringá, Paraná. É importante frisar que, no currículo

de todo o Paraná, portanto em Maringá incluso, ensinar PCA no Fundamental I é ensinar Jogos de Aventura. O fundamento apontado nos documentos é o método Microaventuras.

Tendo isso em vista, a inserção das PCA na escola, enquanto área do conhecimento, percorre na ludicidade nos anos iniciais do ensino fundamental a partir das microaventuras (Pimentel, 2022). Tais vivências nas aulas de Educação Física escolar possam atribuir os aspectos ligados à imprevisibilidade, o risco, o desconhecido, a vertigem e o êxtase das ações a elas relacionadas, seja mais próxima ao ambiente urbano ou natureza. Compreendemos que cada ambiente possui características e relevância no ensino das PCA. Uma das vantagens dessa abordagem recreativa de educação é minimizar as resistências do corpo docente e viabilizar a efetivação da dimensão procedimental das aulas.

Diante desses apontamentos, torna-se importante a inserção desses conteúdos nas aulas de Educação Física escolar considerando o olhar e próprio referencial desses professores, um ponto de partida para níveis mais elevados. São esses profissionais que estão realmente no dia-a-dia da escola, no 'chão da quadra' para desenvolver as PCA.

O principal objetivo desse estudo é apresentar quais PCA urbana ou natureza que os professores de Educação Física escolar conhecem após o processo de formação com Microaventuras, quais são as mais desenvolvidas e as dificuldades encontradas para desenvolverem tais práticas corporais em suas aulas na rede municipal de ensino de Maringá. Em complemento, empiricamente, observamos que o método exemplifica, sobretudo, práticas terrestres e coube observar se isso se reproduziria nos conteúdos selecionados pelos docentes.

## METODOLOGIA

A pesquisa de campo foi do tipo exploratória (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007; MARCONI; LAKATOS, 2010; SEVERINO, 2007). Nessa perspectiva, esse estudo procurou produzir e interpretar uma descrição da realidade e, para tanto, apoiou-se em fontes documentais e o uso de questionários.

Dos 64 professores de Educação Física escolar da Rede Municipal de Ensino do Município de Maringá que atuam no Ensino Fundamental nos anos iniciais, 36 professores se dispuseram a responder o questionário composto por questões abertas e fechadas, o que corresponde a 56,25% do total. Salientamos que alguns desses professores apresentam duas matrículas. A jornada de trabalho é composta de 20 horas semanais por matrícula.

Desses 36 professores, 61,11% são do sexo feminino e 38,88% do sexo masculino. Todos possuem graduação em Educação Física. Destes, um professor está realizando um curso de aperfeiçoamento em nível *lato-sensu* (especialização), enquanto os outros 35 professores já possuem uma ou mais especializações. No caso de aperfeiçoamento em nível *stricto-sensu* (mestrado ou doutorado), dois professores possuem mestrado, sendo um deles em Educação e outro em Educação Física.

A coleta do questionário nesse estudo procedeu em dois momentos, o primeiro de forma on-line (e-mail) e o segundo de forma presencial (entregue em encontro de formação ou evento), sendo coletado pelo pesquisador. Ressaltamos que a aprovação final dos documentos norteadores em nível nacional (BNCC) e estadual (DCE), de modo que se garantisse a originalidade nas respostas, melhor refletindo o conhecimento prévio do corpo docente a respeito das PCA.

Os questionários abordaram os seguintes temas: o conhecimento dos professores de Educação Física escolar diante do conteúdo das PCA; quais as modalidades urbanas ou natureza mais citadas pelos professores; quais são as modalidades mais acessíveis, bem como suas opiniões acerca de possíveis barreiras e dificuldades pedagógicas em ensiná-las na escola.

Utilizamos a categorização proposta por Bardin (2016), no qual os dados coletados do estudo foram agrupados em categorias identificadas ou elaboradas ao longo dos processos de codificação e identificação de unidades de significados. A seguir, foram apresentados em tabelas, gráficos, quadros e figuras com a intenção de facilitar a própria identificação de semelhanças, diferenças, relações e inter-relações, como orientado por Gressler (2004).

Esses elementos do estudo estão presentes nas respostas diante do questionário, no sentido de facilitar a compreensão e interpretação das informações e dados. A partir da análise indutiva, se procedeu a estruturação das categorias, os agrupamentos dos dados, de acordo com a sua própria similaridade. A realização das inferências e interpretações se deu a partir da leitura de autores que se consolidaram sobre o estudo e sua organização desse conteúdo antes de proposta pela BNCC (2018): Franco (2008), Pereira e Armbrust (2010), Pimentel (2010), Paixão (2017) e Inácio (2016).

Para fins de identificação dos sujeitos e análise dos questionários, de modo a manter seu anonimato, utilizamos a seguinte codificação “PEF”, seguida de número, para cada professor de Educação Física escolar. Orientamos todos os sujeitos da pesquisa para que fizessem a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual ressaltamos, além dos objetivos desta pesquisa, o caráter confidencial das respostas, para posteriormente o assinarem. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE 69177817.3.0000.0107, da Universidade do Oeste do Paraná, no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde CCBS - UNIOESTE com o número do parecer 2.162.773.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados analisados a partir dos questionários composta por questões abertas ou fechadas, serão apresentados e discutidos em duas partes. No primeiro momento, se refere ao conhecimento prévio dos professores de Educação Física escolar acerca das PCA. No segundo momento a análise acerca das possibilidades do ensino das PCA nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental.

### BLOCO I

Como primeiro resultado, elencamos o conhecimento prévio dos professores de Educação Física escolar sobre as PCA. Apresentamos a tabela a seguir com as respostas.

**Tabela 1** - Os professores de Educação Física conhecem ou ouviram falar sobre as PCA

<b>Categorias</b>	<b>Professores Educação Física</b>	<b>Total</b>
<b>Conhecem</b>	PEF2, PEF3, PEF4, PEF5, PEF7, PEF8, PEF9, PEF10, PEF12, PEF16, PEF17, PEF18 PEF20, PEF23, PEF25, PEF27, PEF29, PEF30, PEF32, PEF33, PEF34, PEF35, PEF36	<b>23</b>
<b>Nunca ouviram</b>	PEF14, PEF19	<b>02</b>
<b>Já ouviram falar</b>	PEF1, PEF6, PEF11, PEF13, EPF15, PEF21, PEF22, PEF24, PEF26, PEF28, PEF31	<b>11</b>
<b>Total</b>		<b>36</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Percebemos que –naquele momento– 5,55% dos professores de Educação Física escolar reportaram desconhecer as PCA, enquanto 63,38% deles conhecem tais atividades e outros 30,55% já ouviram falar das PCA. Aqui é inequívoco que a disseminação da BNCC, que por sua vez é fruto de produção técnica e científica nacional, amplificou o acesso ao

conteúdo. Estudo de Cássaro (2011), dez anos antes, identificara que 50% do corpo docente da mesma rede de ensino desconhecia a possibilidade de escolarização da aventura.

O segundo dado diz respeito à dimensão da experiência, ou seja, quais modalidades das PCA os professores já praticaram. Veja o quadro a seguir:

**Quadro 1** - Quais das PCA os professores de Educação Física já praticaram

Categorias	Concepções	Professores Educação Física
<b>Modalidades terrestres</b>	<i>skate street, skate longboard, patins, montanhismo, parkour, mountain bike, trekking / trilha, enduro a pé, corrida de orientação slackline, rapel arvorismo, escalada, alpinismo</i>	PEF2, PEF9, PEF7, PEF11, PEF12, PEF13, PEF14, PEF16, PEF17, PEF18, PEF19, PEF20, PEF22, PEF23, PEF24, PEF26, PEF27 PEF29, ,PEF30, PEF31, PEF32, PEF34, PEF36
<b>Modalidades aquáticas</b>	<i>surf, rafting</i>	PEF23, PEF27, PEF34
<b>Modalidades aéreas</b>	Balonismo, paraquedismo	PEF27, PEF34
<b>Nunca praticou</b>	_____	PEF1, PEF3, PEF4, PEF5, PEF6, PEF8, PEF10, PEF15, PEF21, PEF25, PEF28, PEF33

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Nessa pergunta, os professores poderiam assinalar mais do que uma alternativa das diversas experiências nas modalidades das PCA que o questionário apresentou. Porém, alguns professores deixaram a pergunta sem assinalar. Percebemos que 63,88% dos professores tiveram experiências nas modalidades terrestres, 8,33% modalidades aquáticas e 5,5% nas modalidades áreas. Entendemos que a vivência no lazer esportivo é um dos elementos motivadores e facilitadores de docentes terem iniciativa para ensinar PCA na escola.

Um outro aspecto interessante é a já esperada experiência nas modalidades terrestres. As modalidades mais lembradas foram *parkour, skate, patins, roller, mountain bike e corrida cross country* (41,66% da amostra). O destaque maior se dirigiu às modalidades *slackline, rapel, arvorismo, escalada e tirolesa* (58,33%). Como esperado, no desdobramento da questão, sobre o ensino, os sujeitos da pesquisa não conseguem trazer a PCA aquática e aérea para a escola. Esse, sem dúvida, é um desafio futuro a ser tratado para que a Educação Física oportunize uma educação de mais qualidade. Já pelo lado acadêmico, ao trazermos o olhar para terra, água e ar (Pereira e Armbrust, 2010), analiticamente, a nosso ver, é um elemento que poderá enriquecer a dicotomia lançada urbano x na natureza, uma vez que esses polos se comportam diferentemente também em relação ao elemento predominante na prática.

## BLOCO II

Nesse segundo momento, apontamos nas PCA são adequadas para os anos iniciais do ensino fundamental, se ambos julgam preparados para atuar, lecionar e desenvolver os conteúdos das PCA e quais materiais e equipamentos específicos a escola pode adquirir para desenvolver os conteúdos de PCA nas aulas de Educação Física.

A partir das experiências que os professores tiveram, perguntamos se as PCA Aventura, devido às proporções e ajuste conforme a idade, poderiam ser compatíveis ao ensino e aprendizagem para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental

**Tabela 2:** PCA são adequadas para os anos iniciais do Ensino Fundamental

<b>Categorias</b>	<b>Professores Educação Física</b>	<b>Total</b>
<b>Realmente</b>	PEF1, PEF2, PEF3, PEF5, PEF6, PEF8, PEF10, PEF11, PEF12, PEF13, PEF15, PEF16, PEF17, PEF18, PEF19, PEF20, PEF22, PEF23, PEF25, PEF27, PEF29, PEF30, PEF32, PEF33, PEF34, PEF35, PEF36	<b>28</b>
<b>Jamais</b>	PEF4, PEF9, PEF14, PEF31, PEF34	<b>5</b>
<b>Talvez</b>	PEF7, PEF21, PEF28	
<b>Total</b>		<b>36</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Percebemos que 77,77% dos professores apontam que os conteúdos de PCA podem ser desenvolvidos, nas devidas proporções e com os devidos ajustes para as idades dos alunos, nas aulas de Educação Física escolar. Porém 13,88% dos professores optaram que o conteúdo não é adequado e viável para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Já 8,33% afirmam que talvez possam aplicar e desenvolver. A partir das respostas do questionário, perguntamos se os professores se julgam preparados para desenvolver as PCA nas aulas de Educação Física escolar.

**Tabela 3:** Os professores de Educação Física se julgam preparados para atuar, lecionar e desenvolver os conteúdos de PCA

<b>Categorias</b>	<b>Professores Educação Física</b>	<b>Total</b>
<b>Preparados</b>	PEF2, PEF12, PEF18, PEF23, PEF 22, PEF27, PEF35, PEF36	<b>8</b>
<b>Despreparados</b>	PEF1, PEF3, PEF4, PEF5, PEF6, PEF7, PEF8, PEF9, PEF10, PEF11, PEF13, PEF14, PEF15, PEF16, PEF17, PEF20, PEF21, PEF22, PEF25, PEF26, PEF28, PEF29, PEF30, PEF32, PEF33, PEF34	<b>25</b>
<b>Talvez</b>	PEF19, PEF24, PEF31	<b>3</b>
<b>Total</b>		<b>36</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Percebemos que 22,22% dos professores sentem-se aptos para desenvolver o conteúdo de Atividades de Aventura. Já 69,44% dos professores apontam que não têm conhecimentos, habilidades, domínio teórico e prático. Também mencionam sua falta de capacitação, preparação, vivência, formação específica nas modalidades, formação especializada, por falta

de materiais e equipamentos específicos na escola. E 8,34% apontam que se esse conteúdo estivesse na grade curricular na sua graduação, talvez pudessem aplicar e desenvolver na escola.

Em relação às negativas pela falta de equipamentos, partimos do pressuposto que a escola em que os professores lecionam poderia, quando solicitado, adquirir algum tipo de equipamentos ou material específico de uma modalidade para desenvolver os conteúdos das PCA nas aulas de Educação Física escolar.

**Quadro 2:** Quais materiais e equipamentos específicos a escola pode adquirir para desenvolver os conteúdos de PCA nas aulas de Educação Física escolar

Categorias	Concepções	Professores Educação Física
<b>Modalidades terrestres</b>	<i>skate street</i>	PEF2, PEF3, PEF4, PEF5, PEF8, PEF12, PEF16, PEF27, PEF30, PEF32, PEF33, PEF34, PEF36
	<i>patins</i>	PEF3, PEF5, PEF7, PEF8, PEF16, PEF30, PEF31, PEF36
		PEF3, PEF9, PEF13, PEF32, PEF33, PEF34, PEF36
	<i>parkour</i>	PEF16, PEF22, PEF30, PEF36
	<i>skate longboard</i>	PEF2, PEF7, PEF13, PEF31,
		PEF4, PEF16, PEF23, PEF31, PEF32
	rapel	PEF2, PEF3, PEF5, PEF7, PEF9, PEF10, PEF11, PEF12, PEF13, PEF15, PEF16, PEF17, PEF19, PEF23, PEF24, PEF27, PEF30, PEF31, PEF32, PEF33, PEF34, PEF35, PEF36
	escalada esportiva	
	<i>slackline</i>	
<b>M. aquáticas</b>		
<b>M. aéreas</b>		

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa pergunta, os professores poderiam assinalar mais do que uma alternativa referente às modalidades das PCA apresentadas. Percebemos que a PCA *slackline*, com 63,88%, é a modalidade mais fácil de adquirir o equipamento, possivelmente porque é vista nos equipamentos polivalentes de lazer, como as praças. Já o *skate street*, com 36,11%, e o patins, 22,22%, são, respectivamente, o segundo e terceiro em possibilidades de aquisição. Em certa medida são modalidades bem divulgadas pela mídia e televisão. O *parkour* é a quarta modalidade, com 19,44%, contudo, neste caso, de certa forma, há uma controvérsia ou falta de conhecimento da modalidade, uma vez que tal atividade pode ser realizada de forma coletiva, utilizando o espaço da escola, a própria exploração com os materiais já utilizados nas aulas de Educação Física escolar (colchonete, plinto, banco sueco etc.). O *skate longboard* e rapel com, 11,11%, a escalada esportiva, com 13,88%, são as modalidades que apresentam menor procura, fato que, para ambos, os materiais têm custo mais elevado para aquisição por parte da escola.



Como discussão à guisa de conclusão, voltamos à questão da Microaventura pedagógica como um recurso de escolarização da aventura. De forma inédita o currículo do Paraná inovou trazendo Jogos de Aventura como um conteúdo que media Jogos e Brincadeiras com PCA. Em Maringá houve um esforço em trazer o método Microaventuras para fundamentar essa transposição pedagógica. Por isso, é perceptível que o conhecimento dos docentes aumentou. De fato, a comparação com estudo anterior (Cássaro, 2011) reitera que há uma tendência de diminuir o desconhecimento e a resistência a respeito desse conteúdo estruturante. Todavia, a superação da expectativa para a realidade dependeria da qualidade do conhecimento docente sobre o tema.

A partir da praxiologia motriz, sabemos que cada ação motriz, especialmente os jogos, são dotadas de uma lógica interna. Essa essência presente em cada modalidade é o que lhe dá identidade quando a praticamos. Portanto, ao identificarmos, por exemplo, que a lógica interna do skate é o deslocamento sobre uma prancha com rodas, podemos abstrair que há outras formas culturais (existentes como o carrinho de rolemã) ou que podem ser formuladas pelo professor – chegando ao ideal de incluir os alunos na resolução do problema, como advoga Franco (2008).

Com isso, como pedagogicamente o ensino do conteúdo Jogo é uma competência consolidada entre a maioria dos docentes, trazer PCA na linguagem de atividades lúdicas (microaventura) é eficiente para a transposição didática do conteúdo PCA. Neste sentido, ao cotejarmos os dados da pesquisa, o conhecimento prévio das experiências e das resistências dos professores, podemos ser mais efetivos nas ações de formação continuada.

## CONCLUSÃO

O objetivo do estudo foi verificar a percepção de docentes de Educação Física escolar sobre PCA, distribuídas na BNCC entre urbanas e na natureza. Para análise dos resultados, buscamos observar, além da polaridade Urbano – Natureza, também se as modalidades conhecidas se distribuíam entre o espaço aquático, terrestre e aéreo. Nossa interpretação dos resultados foi que as modalidades terrestres de PCA já representam um aspecto dominante entre o repertório docente. São, portanto, o primeiro percurso na escolarização da aventura.

Ademais, tanto a respeito da superação das barreiras ao ensino de PCA quanto à viabilização desse conhecimento nos anos iniciais da educação básica, concluímos pela eficiência em instrumentalizar a escolarização da aventura pelo modelo das Microaventuras. Vale reiterar que o estado do Paraná, onde Maringá se insere, oficializa no currículo Jogos de Aventura como linguagem para iniciação às Práticas Corporais de Aventura (PCA) no Fundamental I.

Em suma, os docentes estão preparados em coerência com o currículo, mas há lacuna na formação ofertada com experiências lúdicas dirigidas aos ambientes aquático e aéreo. É neste sentido que a recriação da Aventura em Microaventura é ainda mais recomendada para o desafio em trazer os elementos água e ar nas aulas, ainda mais considerando as carências de recursos materiais e físicos para a democratização da PCA nessas modalidades.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018.

BETRÁN, J. O. Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaleza: análisis sociocultural. In: **Apunts. Educación Física y Deportes**. Barcelona, n. 41, 1995, p. 5-8.



CÁSSARO, E. R. **Atividades de aventura: aproximações preliminares na rede municipal de ensino de Maringá**. 2011, 95f. Trabalho de Especialização em Educação na Educação Básica - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

CÁSSARO, E. R. **Atividades de Aventura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: possibilidades e desafios a partir da BNCC**. 2019. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CORREA, L. V. O. M.; BADARO, L. F.; SOUZA, J.; PIMENTEL, G. G. de A. Práticas corporais de aventura e biografias de movimento na educação física escolar. **Humanidades & inovação**, v. 8, p. 1-20, 2020.

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões dos conteúdos**, 2008, 136f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade (Stricto-Sensu), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

FRANCO, L. C. P. A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola. In: PEREIRA, D. W. et al. (Org.). **Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura**. São Paulo: Lexia, p. 89-101, 2011.

INÁCIO, H. L. D.; CAUPER, D. A. C.; SILVA, L. A. P.; MORAIS, G. G. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, v. 28, p. 168-187, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamento da Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARINGÁ. **Currículo da Educação Municipal de Maringá**. In: SFORNI, M. S. F. (Org). Secretaria Municipal de Educação, Paraná, p. 1096, 2020.

MARINHO, A. Esporte de aventura: uma nova possibilidade de relação entre natureza e tecnologia. In: **7º Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa**, 1999, Florianópolis (SC). 7º Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa, 1999. p. 151.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Física para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2010.

PARANÁ. Escola Digital Professor, 2021. **Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP)**. Disponível em: <http://www.escoladigital.professor.pr.gov.br/crep>. Acesso em 13 jan. 2024.



PARANÁ. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. Paraná, PR: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2018. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial\\_curricular\\_parana\\_cee.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_cee.pdf). Acesso em: 13 Jan. 2024

PAIXÃO, J. A. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, v. 29, p. 170-182, 2017.

PAIXÃO, J. A. **O esporte de aventura no currículo da Educação Física escolar: possibilidades de intervenção**. Viçosa: Editora UFV, 2018.

PIMENTEL, G. G. de A. Esportes na natureza: fragmentos contraditórios de um objeto em construção. In: PEREIRA, D. W. et al (Org). **A inclusão pela aventura** V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2010, São Bernardo do Campo - SP, 2010, p. 105-119.

PIMENTEL, G. G. de A. Microaventuras como método de ensino de práticas corporais de aventura na educação física escolar. **REBESCOLAR**, v. 4, p. 47-60, 2022.

SCHWARTZ, G. M., MARINHO, A. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n. 88, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo, Manole, 2001.